

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
BAIANO CAMPUS SERRINHA
TECNÓLOGO EM GESTÃO DE COOPERATIVAS**

JOSÉ CARLOS FERREIRA SANTOS

**REATIVAÇÃO DA CASA DE FARINHA COMUNITÁRIA E PERSPECTIVAS PARA A
(AUTO)GESTÃO: O CASO DA COMUNIDADE QUINJÍ.**

Serrinha – Bahia
2024

JOSÉ CARLOS FERREIRA SANTOS

**REATIVAÇÃO DA CASA DE FARINHA COMUNITÁRIA E PERSPECTIVAS PARA
A (AUTO)GESTÃO: O CASO DA COMUNIDADE QUINJÍ.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano campus Serrinha, como requisito parcial para a obtenção do título de Tecnólogo em Gestão de Cooperativas.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ariana Reis Messias Fernandes de Oliveira

Serrinha – Bahia
2024

Santos, José Carlos Ferreira

S237r Reativação da Casa de Farinha Comunitária e perspectivas para a
(auto)gestão: o caso da comunidade do Quinji/ José Carlos Ferreira Santos.-
Serrinha, Ba, 2024.
33 p.; il.: color.

Inclui bibliografia.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tecnologia em Gestão
de Cooperativas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
Baiano – Campus Serrinha.

Orientadora: Profa. Dra. Ariana Reis Messias Fernandes de Oliveira.

1. Mandioca. 2. Agricultores. 3. Farinha. 4. Comunidade. 5. Autogestão.
I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano. II. Oliveira,
Ariana Reis Messias Fernandes de (Orient.). III. Título.

CDU: 334

JOSÉ CARLOS FERREIRA SANTOS

REATIVAÇÃO DA CASA DE FARINHA COMUNITÁRIA E PERSPECTIVAS PARA A (AUTO)GESTÃO: O CASO DA COMUNIDADE QUINJÍ.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Baiano campus Serrinha, como requisito parcial para obtenção do Título de Tecnólogo em Gestão de Cooperativas.

APROVADO EM 02/12/2024

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 MARIA AUXILIADORA FREITAS DOS SANTOS
Data: 15/12/2024 19:34:10-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Doutora Maria Auxiliadora Freitas dos Santos

IF Baiano campus Serrinha

Documento assinado digitalmente
 ELIANE SILVA DE QUEIROZ
Data: 17/12/2024 11:09:47-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Mestra Eliane Silva de Queiroz

IF Baiano campus Catu

Documento assinado digitalmente
 ARIANA REIS MESSIAS FERNANDES DE OLIVEIRA
Data: 14/12/2024 22:24:14-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Doutora Ariana Reis Messias Fernandes de Oliveira

IF Baiano campus Serrinha

SERRINHA – BA
2024

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, pois a fé sempre foi o motivo que me fez acreditar que seria possível, à minha família, sem exceções, por manterem acesa a esperança e por me permitirem sonhar.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela vida e por todas as oportunidades concedidas, por ser o meu centro de força durante toda essa trajetória até chegar a esse tão sonhado objetivo. Agradeço à minha família por todo apoio e suporte e pela presença durante toda essa caminhada. Em especial, com gratidão, agradeço a minha mãe Maria Nete Silva Ferreira Santos, uma pessoa de origem rural, batalhadora, esforçada, que dedicou sua vida intensamente a cuidar dos seus 6 filhos, prezando o amor incondicionalmente, ao meu pai Roque Silva Santos, que juntamente com a minha mãe, me formou como homem de caráter moral, apesar de todas as dificuldades ele sempre prezou pela educação dos seus filhos e não nos deixou esquecer de onde somos. As minhas irmãs e meus irmãos pelo apoio e por me mostrarem que eles confiavam em mim a todo momento durante essa trajetória. A minha noiva pelo entendimento da importância desse momento da minha vida e por todo companheirismo e apoio. Meu muito obrigado a todos vocês!

Agradeço grandiosamente à minha Orientadora Ariana, por aceitar meu convite, por ser uma grande amiga, uma grande inspiração e uma grande “mãe” durante minha trajetória até aqui. Ao corpo docente do Curso de Gestão de Cooperativas do Instituto Federal Baiano campus *Serrinha*, a todos os outros professores. Ao corpo não docente que fizeram parte dos meus dias de luta e aprendizado. Meus agradecimentos a turma de Gestão de Cooperativas pelas vivências e experiências compartilhadas e pelos debates valiosos. Enfim, meus sinceros agradecimentos!

“A humildade exprime uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém.”

Paulo Freire

SANTOS, J. C. F. REATIVAÇÃO DA CASA DE FARINHA COMUNITÁRIA E PERSPECTIVAS PARA A (AUTO)GESTÃO: O CASO DA COMUNIDADE QUINJÍ.

— p. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo em Gestão de Cooperativas) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – Campus Serrinha, Serrinha, BA, 2024.

Resumo

O presente trabalho apresenta o resultado de uma análise sobre o processo de reativação da Casa de Farinha Comunitária do Quinjí, Zona Rural de Lamarão – Bahia, assim com a relação disso com as perspectivas dos Associados (as) para a (auto)gestão do empreendimento através das experiências já vivenciadas, além de demonstrar uma análise sobre os impactos da inativação da Casa de Farinha para a comunidade e para os produtores locais. A pesquisa foi desenvolvida a partir de observações e análise de entrevistas com questionários semiestruturados com perguntas abertas, utilizando a matriz FOFA destacando os pontos fortes e fracos, bem como oportunidades e ameaças da organização, em conjunto com a técnica chamada de “defina em uma palavra” que busca observar que a Casa de Farinha refere o sentimento de lembranças, memórias e experiências já vividas nesse ambiente. As entrevistas aconteceram de forma espontânea com os associados (as) da Associação Comunitária de Ação Social do Quinjí (ACOASQUI), visando a coleta de dados para análises e estudos. Após serem analisados os resultados, ficou evidente que a inativação da Casa de Farinha impactou diretamente e economicamente na produção dos agricultores (produtores de mandioca) da região, bem como, é nítido o interesse dos antigos usuários em reativar a Casa de Farinha para voltarem a ter incentivo e ânimo para volta a plantar a mandioca e produzirem a Farinha de Mandioca.

Palavras-chave: **Mandioca, Agricultores, Farinha, Comunidade, Autogestão.**

SANTOS, J. C. F. REATIVAÇÃO DA CASA DE FARINHA COMUNITÁRIA E PERSPECTIVAS PARA A (AUTO)GESTÃO: O CASO DA COMUNIDADE QUINJÍ.

____ p. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo em Gestão de Cooperativas) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – Campus Serrinha, Serrinha, BA, 2024.

Abstract

The present work presents the result of an analysis of the process of reactivation of the Community Flour House of Quinjí, Rural Zone of Lamarão - Bahia, as well as the relationship between this and the perspectives of the Associates for the (self) management of the enterprise through the experiences already lived, in addition to demonstrating an analysis of the impacts of the inactivation of the Flour House for the community and for local producers. The research was developed from observations and analysis of interviews with semi-structured questionnaires with open questions, using the SWOT matrix highlighting the strengths and weaknesses, as well as opportunities and threats of the organization, together with the technique called "define in one word" which seeks to observe that the Flour House refers to the feeling of memories, memories and experiences already lived in this environment. The interviews took place spontaneously with the members of the Community Association of Social Action of Quinjí (ACOASQUI), aiming at collecting data for analysis and studies. After analyzing the results, it was evident that the inactivation of the Flour House had a direct and economic impact on the production of farmers (cassava producers) in the region, as well as the interest of former users in reactivating the Flour House to have the incentive and encouragement to plant cassava again and produce Cassava Flour.

Keywords: Cassava, Farmers, Flour, Community, Self-management.

SUMÁRIO

Caminhos e descaminhos do autor	11 - 12
1 INTRODUÇÃO	13 - 14
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15 – 20
2.1 Farinha de Mandioca	15 - 17
2.2 Casa de farinha	17 - 18
2.3 Autogestão	19 - 20
3 METODOLOGIA	20 - 21
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	21 - 29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29 – 30
6 REFERÊNCIAS	31 – 32
7 ANEXOS	33

Caminhos e descaminhos do autor

Me chamo José Carlos Ferreira Santos, jovem, cristão, morador da zona rural e que, já se aventurou em diversas áreas e desafios que a vida nos oferece. Minha jornada profissional e acadêmica foi marcada por uma busca constante por propósitos e significados. Como todo jovem sonhador, sonhei durante minha infância e parte da adolescência em me tornar jogador de futebol. E esse foi meu foco durante os meus 12 aos 18 anos de idade, viajando sozinho por esse Brasil, repleto de saberes, aprendizados, frustrações e muita saudade de casa. Esse breve resumo que relata firmemente como foi minha até os meus 18 anos de idade, que foi quando eu liguei para meus pais e informei a eles que estava voltando para casa, sem ter conseguido um grande contrato e depois de ter provado o outro lado da busca por uma carreira de sucesso, essa busca é muito diferente daqueles 1% de jogadores de sucesso e acumuladores de dinheiro que vemos na televisão, percebi que eu fazia parte dos outros 99% que tentavam, se frustraram e ficaram sem rumo, até que retornei para casa e, dessa vez, para ficar.

Inicialmente, não tinha claro quais eram meus objetivos, mas ao longo do caminho, fui descobrindo meus interesses e paixões. Retornei para Serrinha e passei a trabalhar na zona rural como servente de pedreiro, auxiliando na construção de muros e cercas. Essa foi a minha realidade, trabalhando durante os dias e pensativo durante as noites. Até que me enviaram um anúncio que o Instituto Federal Baiano estava com inscrições abertas para o Curso Técnico em Agropecuária, na modalidade subsequente, destinado àqueles que já tinham concluído o ensino médio. Foi quando tentei e consegui uma das vagas e ingressei no IF Baiano em 2018.

Foi durante meu curso de Técnico em Agropecuária que eu tive contato com a agricultura familiar e a extensão rural. Essa exposição despertou em mim uma paixão pela importância da produção sustentável e pelo impacto da mesma nas famílias, comunidades e grupos produtivos.

A partir daí meu foco mudou completamente. Comecei a me aproximar cada vez mais da agricultura familiar e extensão rural, buscando conhecimentos e experiências que me permitissem contribuir para o desenvolvimento dos produtores rurais. Após a conclusão do meu curso, em 2020, fui trabalhar com assistência técnica para pequenos e médios produtores pecuários na região do sisal, permaneci até meados de 2021, que foi quando consegui ingressar no Curso Superior em Gestão de Cooperativas, também do IF Baiano – *Campus Serrinha*. Na graduação, passei a ter contato com o cooperativismo, associativismo e suas milhares de oportunidades de desenvolver um

modelo mais justo, que beneficie e valorize a todos e, principalmente, os agricultores familiares.

Hoje, posso dizer que encontrei meu lugar no mundo. A agricultura familiar e a extensão rural não são apenas uma área de atuação, mas uma forma de vida. Atualmente, estou prestes a defender meu TCC, atuo como técnico em uma propriedade rural e sou capaz de desenvolver projetos sustentáveis, que busca maior interação de todos os envolvidos, além de promover mobilização social na minha comunidade de origem, sendo secretário da Associação Comunitária da minha comunidade, onde reativamos a Associação e, agora, buscamos a reativação da Casa de Farinha Comunitária.

1 INTRODUÇÃO

A mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), é uma planta cultivada especialmente por pequenos agricultores e suas famílias da região Nordeste; pode ser transformada em uma grande variedade de produtos alimentícios como o beiju e a farinha de mandioca, além das suas raízes nutritivas serem fonte de energia, podendo ser consumidas em diferentes formas.

Um dos produtos derivados da mandioca, de suma importância na região nordeste, é a sua farinha. A farinha é obtida da raiz da mandioca, em muitos locais, a transformação da raiz da mandioca ainda é processada por métodos primitivos, herdados tradicionalmente dos índios, primeiros cultivadores dessa espécie.

Um dos espaços em que é realizada a transformação da raiz da mandioca em farinha, é a chamada casa de farinha. Queiroz (2020) cita que nas casas de farinha, as tarefas são divididas e organizadas por gênero, sendo que os homens, na maioria das vezes, são responsáveis pelo processo de arrancar a mandioca da roça e trazer para a casa de farinha e as mulheres, normalmente, responsáveis pela raspagem dos tubérculos.

Existem algumas casas de farinha que são particulares e outras que são de uso coletivo; sendo que as últimas, geralmente, são geridas por associações comunitárias de moradores, por serem espaços de troca e de trabalho compartilhado (QUEIROZ, 2020). No território do sisal (formado por vinte municípios do semiárido baiano que ocupam uma área de 20.454 km², onde vivem cerca de 555 mil habitantes, sendo uma boa parte destes, que representa 63% são moradores de zonas rurais) (EMBRAPA, 2021), têm-se como exemplo, a Casa de farinha da Mombaça, gerida pela Associação Comunitária da Mombaça, como descreve em seu trabalho, Carvalho (2024). A autora ainda traz em seu estudo, a necessidade de se investigar sobre as novas tecnologias inseridas na Casa de Farinha Comunitária, estratégia que tem como finalidade tornar o processamento menos trabalhoso e cansativo, sem perder a tradição das famílias que participam da associação.

Fato que se assemelha ao presente estudo, já que, a ideia inicial é a Associação Comunitária de Ação Social do Quinjí – ACOASQUI, realize a gestão da casa de farinha, caso esta venha a ser reativada. Situada em um povoado pertencente ao município de Lamarão, Bahia, a Associação Comunitária de Ação Social do Quinjí - ACOASQUI conta atualmente com 42 associados ativos, incluindo homens e mulheres, com foco sazonal na produção da mandioca para beneficiamento e, posteriormente, transformação em farinha de mandioca. Atualmente, os associados e

a nova gestão da associação têm projetado a necessidade de reativação da casa de farinha para atender as demandas dos produtores de farinha da comunidade.

Desse modo, surge a importância de pesquisar sobre o processo de reativação da casa de farinha comunitária, assim como a relação disto com as perspectivas dos associados para a autogestão do empreendimento. Uma vez que já houve uma experiência de casa de farinha na comunidade, é importante dimensionar os sentidos, interesses e como os associados se veem nesse processo de reativação e manutenção da casa de farinha.

Essa pesquisa poderá ser importante para a Associação, pois pode mobilizar uma reflexão sobre os sentidos, interesses e papéis a serem assumidos pelos associados com a projeção da reativação da Casa de Farinha Comunitária, tendo como reflexos imediatos possíveis contribuições ao fazer associativo voltado a gestão da casa de farinha. No atual cenário do associativismo e cooperativismo, enfrenta-se o desafio de despertar a sensação de pertencimento dos participantes destes movimentos, onde a tomada de decisões é algo fundamental para obter um bom relacionamento e manter ativa a motivação dos associados.

Dessa forma, esta pesquisa teve os objetivos de identificar a realidade que a Associação Comunitária de Quinjí enfrenta, por não ter uma Casa de Farinha ativa, buscando as perspectivas de autogestão e anseios dos associados com a inativação do empreendimento, bem como, entender como os associados se identificam como participantes desse processo de reativação e de manutenção da Casa de Farinha, uma vez que a mesma seja reativada, preservando as memórias e vivências dos participantes com a Casa de Farinha quando ainda estava ativa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A farinha de mandioca

A mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) é uma planta originária da América do Sul, é uma planta perene e pode se manter viva por vários anos, também muito cultivada na região amazônica, a mandioca possui caule lenhoso e pode atingir até 3 metros de altura. Suas folhas são de cor verde-escura e podem medir até 20 cm de comprimento, sendo as raízes o órgão mais importante da planta, pois é onde é armazenado o amido.

Nas regiões semiáridas do Nordeste, geralmente com longos períodos de estiagem, os agricultores costumam fazer o plantio entre os meses de novembro a maio, na tentativa de aproveitar períodos de pancadas de chuvas isoladas, tradição que vem dos antepassados e se estende até os dias atuais.

O fato da mandioca ser naturalmente resistente aos períodos de seca, recorrentes no semiárido, faz dessa cultura perene, uma grande aliada na sustentabilidade dos pequenos agricultores, que não possuem sistemas de irrigação, justamente, por não terem acesso financeiro a créditos rurais, para aquisição desses sistemas e/ou por falta de acesso a poços artesianos.

No Brasil, a farinha é o principal produto derivado da mandioca, processada em diferentes regiões e com diferentes estruturas (mecanizadas e manuais). De acordo com o IBGE (2023), o Levantamento Sistemático da Produção (LSPA) de agosto/2023 mostra que a produção de mandioca para o ano de 2023 era de 18,44 milhões de toneladas colhidas em uma área total de 1,24 milhão de hectares.

Após a colheita e transporte para o local adequado, é realizada a lavagem/descascamento das raízes, em algumas regiões essa etapa da produção é feita em locais convencionais ou nas Casas de Farinha onde os próprios produtores se reúnem de forma cultural e solidária, buscando a interação dos grupos e preservação dos costumes regionais, além de ser um momento onde se forma uma força tarefa, pela grande necessidade de mão de obra nesta etapa.

Feito isso, segue-se para as próximas etapas que vão da Trituração/ralação, até chegar na etapa final, que é a estocagem. A seguir, é apresentado um fluxograma que ilustra as etapas do processo:

Fabricação de Farinha



Figura 1. Fonte: Eletrobras. Fluxograma de etapas do processamento de farinha de mandioca, retirado de: séries Centros Comunitários de Produção, (Rio de Janeiro 2014).

Sendo, uma boa parte destas tarefas, momentos onde os produtores se reúnem para fazer uma espécie escala de uso da Casa de Farinha para o beneficiamento de suas produções, sendo possível otimizar e organizar o tempo e a utilização de forma que seja possível que todos se ajudem, preservando a solidariedade e estreitando laços culturais.

Conforme visto, é notório que todo processo de colheita até chegar ao beneficiamento e processamento da farinha leva tempo, requer muito trabalho e, muitas vezes, as Casas de Farinhas ainda são antigas e com forno manual. Sendo assim, de acordo com Linhares e Santos (2014) esse trabalho é cansativo e requer a contribuição de todos.

Considerando as inúmeras atividades que envolvem o preparo da farinha e seu desgaste físico, “fazer-farinha” é um exercício essencialmente coletivo que mobiliza todos os membros da família. Na execução do trabalho não há uma divisão explícita e concreta das tarefas entre homens e mulheres, ambos realizam as mesmas atividades e vão se alternando durante a jornada, porém observa-se que havendo uma presença masculina na Casa esta permanecerá por mais tempo no forno, tendo em vista que o mesmo exige mais preparo físico em consequência do

desgaste provocado pela alta temperatura do forno e da atividade quase ininterrupta de mexer a massa. (Linhares e Santos, 2014, p. 56)

Portanto, por ser um trabalho cansativo, evidencia-se a importância do trabalho coletivo no processamento da farinha de mandioca, muitas das vezes, a família passar ser a mão de obra fundamental para a realização das tarefas, além de serem momentos de compartilhamento de conhecimento, onde os mais velhos passam suas experiências de cultivo e processamento para os mais jovens, permitindo a transmissão de saberes de geração em geração da família.

2.2 Casa de farinha

Caracteristicamente, as Casas de Farinha são locais de predominância e ocupação social rural, em sua maioria, ocupados por bases familiares. Esses espaços são locais de preservação da cultura, costumes, memórias e sentimentos, onde a tradição é mantida e passada por diversas gerações, ou seja, não é um espaço onde se visa apenas a questão econômica, mas também é uma forma de manter viva as histórias que perpassam por todo contexto que envolve a produção da farinha de mandioca em determinada comunidade. Os encontros, mutirões e “farinhadas” são momentos que ficam marcados na memória daqueles que participam deste processo, deixando viva a essência da comunidade e do trabalho coletivo já que com o passar dos anos as gerações buscam pelo novo. Segundo Bondía (2002) a velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade são marcas do mundo moderno e acabam impedindo significância da memória, que passar a ser substituídas por outros acontecimentos (BONDÍA, 2002, p.23).

Carvalho e Oliveira (2024) afirmam que “As casas de farinha, tradicionalmente presentes no interior do Nordeste, estão fortemente vinculadas à agricultura familiar. Elas são frequentemente geridas por unidades familiares, envolvendo pais, filhos e primos, demonstrando uma tradição que se fortalece e se transmite de geração em geração” (CARVALHO e OLIVEIRA, 2024).

Sendo assim, por mais que as Casas de farinha atuais estejam cada vez mais tecnológicas e mecanizadas, faz-se necessário lembrar e ressaltar que tais espaços são ocupados por agricultores familiares que, na grande maioria, estão adaptados às formas antigas e convencionais de processamento, deste modo, é importante salientar que a capacitação se faz necessária para que os moradores das comunidades estejam acompanhando o processo de evolução, sendo capazes de operar os maquinários, para que

as Casas de farinha atuais possam se manter em alta produtividade e com menos desgaste físico.

Deste modo, Queiroz (2020) detalha em sua obra que “Assim, as casas de farinha adquirem diferentes significações, tendo o trabalho como o ponto central, visto como elemento que permite, através da sua realização, a construção do próprio ser e da sua existência, categoria central na vida da pessoa” (QUEIROZ, 2020).

As Casas de farinha funcionam como ambientes comunitários que busca incentivar e viabilizar as produções dos agricultores, além de serem importantes espaços de preservação cultural, onde diferentes gerações (passado e presente) podem se encontrar para fortalecer as atividades coletivas e a união dos indivíduos.

De acordo com Linhares e Santos (2014) as Casas de farinha geram transformações nos indivíduos, conforme afirma.

O ambiente da casa de farinha apresenta mudanças significativas no processo técnico e no resultado final da produção, mas acima de tudo, transformações nos indivíduos, em suas relações sociais, na organização e gestão das atividades laborais que constroem o universo dinâmico que a casa de farinha representa. (LINHARES e SANTOS, 2014, p. 62).

Sendo assim, nota-se que as Casas de farinha, além de serem muito importantes economicamente, também são parte da história do nosso país, como destacado na obra de Silva (2011):

Neste sentido, a criação de um produto, como a farinha de mandioca, possui uma história relacionada com um determinado estilo de vida de grupos sociais da região amazônica, configura-se como um produto imbricado em contextos socioculturais e naturais peculiares. Nesse estudo, procuro transgredir a ideia de que casa de farinha é apenas espaço de produção. Acredito que o fazer farinha é um ato de criação. Em sendo assim, a casa de farinha é um espaço onde se produz não apenas a matéria (farinha), mas também cultura e educação, e, ao produzir cultura e educação, o ser humano está se produzindo enquanto ser multiplicador desse saber camponês. (SILVA, 2011, P.20).

Atualmente, as Casas de farinha vêm passando por um processo de transformação, onde buscam maior produtividade e menos desgaste físico, as quais são o grande desejo das comunidades que contam com agricultores e produtores de mandioca. Mesmo assim, durante a pesquisa foi possível perceber que as comunidades buscam essa adequação, mas sempre deixando viva a lembrança e as memórias obtidas nas Casas de farinha tradicionais, a fim de buscarem a alta produção, mas preservando os costumes tradicionais e saberes populares.

2.3 Autogestão

Tendo em vista que as organizações sem fins lucrativos passam por diversas mudanças e desafios, a gestão é a peça-chave para garantir a permanência destes espaços.

Ao tratar-se de associações e cooperativas, esbarra-se nas questões gestionárias destes empreendimentos, que podem garantir a permanência e longevidade deles ou a interrupção precoce. Neste contexto, a palavra gestão refere-se às atividades clássicas de gerir uma organização, como: planejamento, estratégias, viabilização, organização, controle de entrada e saídas, e é de grande importância que seja feita de forma consciente e assertiva, onde cada tomada de decisão seja feita após extrema análise e com base em muito estudo.

Com relação a gestão social, o termo autogestão tem como foco um modo alternativo de gerir, produzir e organizar o trabalho, buscando alternativas que perpassem pelo campo da coletividade. Já no âmbito da administração empresarial há controvérsias com relação ao campo da gestão social, principalmente, pela dificuldade de colocar em prática e viabilizar esse significado. (FERRAZ e DIAS, 2008. Apud RIGO, 2014. Pg.21-23).

Neste contexto, pode-se perceber que o termo autogestão gera grandes debates, inclusive, pode chegar a enfrentar grande resistência quando questionado sobre a viabilidade de sua implementação. No entanto, para os empreendimentos sem fins lucrativos, em especial, as associações, pode ser o melhor método para garantir a coparticipação e envolvimento máximo dos associados, afim, de despertar a (transferência ou divisão) das atividades, planejamento e estratégias para a longevidade dos empreendimentos com esta natureza de cooperação e envolvimento, deixando de lado o modelo (centralista) convencional de tomadas de decisões.

Neste sentido, observa-se que para a autogestão ser praticada, é necessário o espírito de coletividade conforme afirma Gutierrez (1988):

Pressupõe, de seus participantes, espírito de coletividade que justifique e incentive o diálogo e a tomada de decisões em grupo, maior vivência política e disposição individual de engajar-se no processo produtivo, totalmente distinto do que estamos acostumados a assistir, nas formas comuns de organização do trabalho. A prática da autogestão deve, por sua vez, reforçar essas qualidades, tanto no interior da produção como na sociedade em geral. (GUTIERREZ, 1988, p.17).

Deste modo, para que a autogestão seja praticada, ela deve ser, primeiramente, entendida e compreendida, para assim ser aceita e colocada em prática. Cançado (2007) argumenta que um dos desafios encontrados pela autogestão é justamente

relacionado a natureza da mesma, em ser compreendida e de se realizar a mudança cultural que se faz necessária para atingi-la.

3. METODOLOGIA

A pesquisa é do tipo qualitativa, por se tratar de algo que envolverá aspectos relacionados à realidade, vivência, anseios e valores dos participantes, além de buscar aspectos culturais que não serão de cunho quantificados (MINAYO, 2001). No âmbito procedural, a pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso que segundo Yin (2005, p.32), estudo de caso é um estudo de caráter empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência.

Quanto a sua finalidade, foi do tipo exploratório-descritiva, visto que em seus objetivos constam: Analisar as perspectivas de (autogestão da casa de farinha comunitária, a partir dos sentidos, interesses e papéis dos associados no processo de reativação e manutenção desse empreendimento; identificar as experiências vividas pelos associados com a dinâmica da casa de farinha comunitária; entender os anseios e expectativas dos associados com o processo de reativação da casa de farinha comunitária; e analisar as perspectivas de envolvimento dos associados na dinâmica de reativação e manutenção da casa de farinha comunitária.

A metodologia para realização do diagnóstico foi o DRP - Diagnóstico Rural Participativo, com reunião para apresentação do Projeto. Segundo Verdejo (2006) o DRP é um conjunto de técnicas e ferramentas que permite que as comunidades façam o seu próprio diagnóstico e a partir daí comecem a autogerenciar o seu planejamento de desenvolvimento, o objetivo principal do DRP é apoiar a autodeterminação da comunidade pela participação e, assim, fomentar o desenvolvimento sustentável.

As etapas utilizadas para a coleta de dados foram:

- 1 Entrevistas com questionários semiestruturados (anexo A);
- 2 Matriz FOFA Fortalezas Oportunidades Fraquezas e Ameaças;
- 3 Técnica chamada de “defina em uma palavra”;
- 4 Visita técnica na Casa de farinha da Mombaça;
- 5 Reunião para apresentação dos resultados do Projeto.

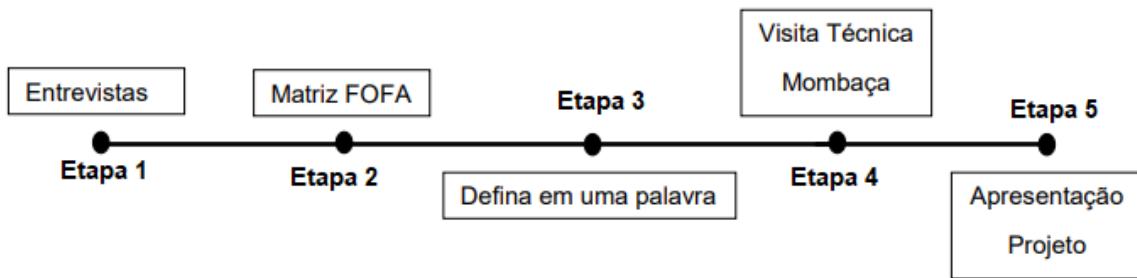


Figura 2. Fonte: Autores. Etapas de elaboração da pesquisa. (Brasil, 2024)

As entrevistas foram realizadas com 7 participantes (incluindo a presidente) da Associação Comunitária que, compreendem e ressaltam a importância da Casa de Farinha para a Comunidade, destes participantes, 5 já vivenciaram a Casa de Farinha ativa e em pleno funcionamento, bem como, também vivenciaram todo processo de desativação, abandono e frustração. Além destes, também foram entrevistados 2 jovens, maiores de idade, que fazem parte da Comunidade e da Associação Comunitária, que não vivenciaram a Casa de Farinha ativa mas expressam o desejo de participar do processo de reativação, além de relatarem que a Casa de Farinha os remete lembranças das histórias contadas pelos seus avós e pelos seus pais.

A Matriz FOFA é usualmente utilizada na análise de cenários para planejamento estratégico de um empreendimento, sendo adaptável a outros modelos de gestão organizacional. Para Chiavenato e Sapiro (2003) a matriz FOFA tem a função de analisar o ambiente externo de uma organização identificando ameaças e oportunidades ao empreendimento e cruzar com os seus pontos fortes e fracos. Contudo, entende-se que para os propósitos desta pesquisa a referida matriz poderá ser adaptada enquanto método de organização, análise e interpretação dos dados.

A técnica chamada de “defina em uma palavra” consiste em o/a facilitador pedir para os participantes definirem em apenas uma palavra, sentimentos, reflexões e angústias sobre um determinado tema ou assunto. Essas palavras são anotadas e depois é feita uma análise sobre elas, levando em consideração todo o contexto.

A pesquisa foi avaliada e aprovada no dia 08/10/2024 pelo Comitê de ética em pesquisa, do Instituto Federal da Bahia, CAAE: (82722824.7.0000.5031).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, foi realizada uma reunião para apresentação do projeto na comunidade Quinjí (Figura 2), como parte inicial do DRP (Diagnóstico Rural Participativo) a reunião contou com a presença de 16 membros da comunidade, nesta reunião aplicou-se a matriz

FOFA e a dinâmica: “defina em uma palavra”.



Figura 3. Fonte: Autores. Reunião para apresentação do Projeto, na Associação Comunitária de Ação Social do Quinjí, (Lamarão, Bahia, 2024).

Aplicou-se a ferramenta participativa FOFA (Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças) para análise, participaram do momento 16 associados (as) que interagiram, trazendo pontos importantes e expressivos relacionados à Associação e à Casa de Farinha para construção da FOFA (Figura abaixo).

MATRIZ FOFA	
ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DO QUINJÍ - CASA DE FARINHA COMUNITÁRIA	
FORÇAS	OPORTUNIDADES
<ul style="list-style-type: none"> • União; • Energia elétrica; • Água; • Reforma; • Equipamentos; • Estrutura; • Regularização 	<ul style="list-style-type: none"> • Fácil acesso; • Projetos; • Desenvolvimento; • Renda; • Reforma; • Manutenção de equipamento;
FRAQUEZAS	AMEAÇAS
<ul style="list-style-type: none"> • Infraestrutura; • Falta de apoio; • Agricultura familiar; • Armazenamento de farinha; • Trator quebrado; • Falta de interesse político local; • Falta de verba; • Equipamentos quebrados; • Poucos associados; 	<ul style="list-style-type: none"> • Da casa de farinha cair e não poder reformar por falta de apoio político; • Falta de local fixo para a Associação.

Em negrito estão os aspectos citados por mais de uma vez.

Figura 4. Fonte: Autores (Criação no Canva). Resultados da aplicação da Matriz FOFA na reunião da Associação Comunitária de Ação Social do Quinjí, (Lamarão, Bahia, 2024).

Durante a aplicação da FOFA, os associados relataram que as **forças** (fatores internos que estão relacionadas aos pontos fortes da associação), destacam-se a “união da comunidade” para movimentos necessários como mutirões de limpeza e plantios coletivos, a comunidade conta com energia elétrica e água encanada o que facilitam o beneficiamento da produção e a reativação da Casa de Farinha.

Os associados também relataram que apenas uma reforma e alguns equipamentos novos já solucionaria o problema, e que, dessa forma a Casa de Farinha já teria condições de ser reativada, aproveitando a atual estrutura, outro ponto forte é o fato da Associação está devidamente regularizada perante o cartório e sem pendências na Receita Federal.

Outros aspectos importantes ficaram evidentes quanto as **oportunidades**, que

destaca o fácil acesso da comunidade que se encontra às margens da BA400, onde a Casa de Farinha se encontra na entrada do povoado que conta com calçamento e rua ampla, além da possibilidade de para de carros, caminhões e etc, em frente à Casa de Farinha, bem como a possibilidade de pleitear projetos governamentais junto à Associação Comunitária, a fim de melhorar o desenvolvimento e aumentar a renda dos agricultores através desses projetos e, mais uma vez, reforçou-se a oportunidade de reativar a Casa de Farinha apenas com uma reforma e com manutenção dos equipamentos já existentes.

Contudo, foi possível identificar dificuldades expostas pelos associados (as), como **fraquezas** que vão da infraestrutura à falta de apoio para receber uma visita de vistoria de uma pessoa especializada para identificar a real situação estrutural da sede da Casa de Farinha, a agricultura familiar em si encontra grandes desafios para sua subsistência, atualmente a Comunidade conta com um trator que também se encontra quebrado e em estado crítico e bastante ultrapassado, o armazenamento da farinha também é visto como grande dificuldade atual, visto que a associação não conta com uma estratégia de estoque, algo que pode ser resolvido com aquisição das chamadas “latas de zinco” ou em sacarias sob palhetes conservados com base nas recomendações seguidas pelas boas práticas de fabricação e armazenamento. Além disso, os associados (as) relataram a falta de apoio político e de verbas destinadas a estes empreendimentos solidários e, até mesmo, expressaram a angústia pela diminuição no número de associados, fazendo jus a importância de promover momentos de diálogo e movimento que envolvam os jovens da comunidade para que a tradição e o significado do associativismo comunitário rural sejam passados para as futuras gerações.

Dando seguimento ao momento, os associados (as) levantaram questões como possíveis **ameaças** (externas) que os preocupam e destaca-se o sentimento de preocupação por temerem que a estrutura da Casa de farinha venha cair e não seja possível reativá-la, por falta de incentivo e, principalmente, por falta de apoio político para trazer a tão sonhada reforma. Relataram também a dificuldade por não ter uma sede própria para a Associação, visto que, as reuniões acontecem na escola municipal da Comunidade e os participantes afirmam que Associação precisa de uma sede própria, para que seja possível realizar momentos de roda de conversa, palestras, minicursos e entre outras ações de extensão. Vale ressaltar que em reuniões passadas já chegou a ser discutido a opção de realizar as reuniões na própria sede da casa de farinha, para assim, tentar chamar a atenção dos políticos locais sobre a necessidade de apoio para a reativação e para construção de uma sede para a associação, mas não foi concretizada a hipótese por temer que a estrutura da casa de farinha possa vir abaixo e causar algum acidente.

A aplicação da técnica “defina em uma palavra” (Figura 4), na mesma da reunião da

Associação Comunitária de Ação Social do Quinjí; possibilitou a investigação de sentidos, memórias e sentimentos dos participantes onde eles foram estimulados a expressarem com uma palavra o significado da Casa de Farinha para eles.



Figura 5. Fonte: Autores (Criação no Canva). Resultados da aplicação da técnica “defina em uma palavra”, aplicada na reunião da Associação Comunitária de Ação Social Quinjí, (Lamarão, Bahia, 2024).

Através desta técnica, foi possível observar que a Casa de Farinha refere o sentimento de lembranças, memórias e experiências já vividas nesse ambiente, os participantes expressaram que a casa de farinha sempre foi um ambiente de respeito entre jovens e idosos, muitos relembraram a sua infância e momentos ali já vividos, além de enxergarem na reativação da casa de farinha uma oportunidade de desenvolvimento da comunidade, além de preservar a união e o partilhar de saberes, prezam a ajuda mútua, além de ligarem de forma assertiva a casa de farinha como fonte de beneficiamento das suas produções como em farinha de mandioca e próprio beijú que é derivado da mandioca e que remete lembranças de ancestralidade dos participantes.

Antes da existência da Casa de Farinha Comunitária, os agricultores faziam o beneficiamento de suas produções em casas de farinha particulares, onde necessitavam de grande deslocamento e pagando um preço mais alto para utilização do espaço, muitas das vezes, era cobrado uma parte da produção em litros.

E assim foi a realidade da comunidade por muitos anos, até que, em meados de 1995, surgiu a vinda de uma Casa de Farinha Comunitária que, segundo os entrevistados, foi idealizada e se tornou realidade através de um candidato a vereador da época, ainda segundo a fala de um dos entrevistados: “...*ele era uma pessoa de muito conhecimento com outros políticos e estava concorrendo a uma vaga como vereador, vendo a necessidade da comunidade, ele conseguiu trazer a Casa de Farinha para a Comunidade de Quinjí.*”

Feito isso, a comunidade passou a ter uma Casa de Farinha ativa e em pleno funcionamento, bem como, um trator para uso da associação, com o objetivo de preparar as terras dos produtores da região para o plantio. A ideia era que a Associação fizesse a gestão da Casa de Farinha, a fim de mantê-la ativa e em pleno funcionamento, entretanto, falhas na gestão passaram a ocorrer e a Associação foi perdendo associados (as) bem como, credibilidade. Algo que pôde ser notado na fala de um associado que relatou: “... *a organização da Casa de Farinha não foi feita de forma adequada pela gestão da Associação, eles não prestavam contas para os associados.*”

Observou-se que, a falta de transparência por parte de uma determinada gestão de forma centralizada pode ocasionar inúmeros prejuízos para uma Associação, além de fazer com que não haja união entre os associados e pode acarretar a falta de confiança na diretoria que gere a Associação.

Desse modo, após 12 anos de fundada, em meados de 2007 a Associação e também a Casa de Farinha pereceram e chegaram ao ponto de fecharem as portas. Isso acarretou uma série de danos para a comunidade, danos financeiros, econômicos e culturais, onde os produtores passaram a novamente ficarem refém das Casas de Farinha particulares, e isso fez com que uma boa parte dos produtores da região deixassem de plantar a mandioca.

Neste contexto, em 2023, após 17 anos a Associação Comunitária de Ação Social do Quinjí (ACOASQUI) voltou as atividades, foi reativada, onde fez-se necessário recomeçar, com saldo negativo e com muitas dívidas, além da falta de confiança e com o sentimento de frustração por parte dos moradores da Comunidade. Desse modo, uma nova diretoria foi eleita, desta vez, com jovens à frente, buscando maior interação, envolvimento e seguir todos os conceitos do associativismo, bem como, seguindo exemplos de outros empreendimentos que mantém suas atividades e buscam superar os obstáculos com união e cooperação. Um desses empreendimentos é a Associação Comunitária de Mombaça, que se mantém ativa e conta com uma Casa de Farinha moderna e automatizada.

Visto que, a Associação foi reativada com saldo devedor, a diretoria e os associados tiveram que buscar soluções para conseguir pagar as dívidas e assim, regularizar a

Associação novamente junto com a nova diretoria, assim, passou-se a serem realizados bingos e rifas mensais para arrecadar dinheiro para quitação de pendências, feito isso, foi possível fazer o pagamento das contas e deixar a Associação devidamente registrada com a nova diretoria e sem pendências.

Feito isso, a diretoria junto com os associados e toda comunidade passaram a buscar a reativação da Casa de Farinha, a essa altura já com a estrutura comprometida e equipamentos ultrapassados. Quando questionados sobre o que a reativação da Casa de Farinha traria de benefícios para os associados, um dos entrevistados foi claro ao dizer: “*facilitaria o acesso, seria muito bom a vinda de equipamentos necessários para a comunidade poder continuar incentivando o plantio dos produtores.*”

Contudo, para que a Casa de Farinha seja reativada existe um longo caminho a ser percorrido, sendo assim, faz-se necessário a união, envolvimento e mobilização da Comunidade, tendo em vista que será um processo longo e que, a comunidade já sofreu com a falta de uma gestão adequada para manter o funcionamento do empreendimento, foi questionado quanto o que os associados esperam do processo de reativação, onde um associado disse que: “*A falta de casa de farinha Comunitária fez com que todos os produtores tiveram que ir utilizar uma casa de farinha privada e que se encontra em uma grande distância, a Associação precisa se unir para conseguir reativar a casa de farinha e manter ela funcionando para todos.*” Quando questionados sobre como eles idealizam a gestão da Casa de Farinha uma vez que reativa, um dos entrevistados respondeu que “... *espero que as decisões sejam tomadas com os Associados e a gestão preste contas com honestidade sobre tudo que entra e sai da Associação.*”

Em virtude disso, se fez de grande importância entender como a Casa de Farinha inativa impactou negativamente para os agricultores e como a reativação poderia trazer benefícios para a Comunidade, pois a principal pauta levantada pelos associados como objetivo central da Associação é de reativar a Casa de Farinha, e isso fica claro nas seguintes falas de dois entrevistados “...*A falta de uma Casa de Farinha Comunitária trouxe desânimo e falta de interesse dos agricultores em plantar a mandioca.*” E que, “... *Uma nova Casa de Farinha, mais funcional, com alta produção e com uma boa gestão prestando contas, e mantendo a união dos associados, trazendo assim novos associados.*”

Sendo assim, conforme visto em sala de aula, a gestão desses empreendimentos deve ser feita de forma coletiva, democrática e participativa, visando a união e a interação de todos os participantes, onde todos os envolvidos possam participar da tomada de decisões, bem como, que seja feita a gestão participativa, incluindo homens e mulheres, sem exclusão, promovendo igualdade de gênero e oportunidades mais justas. Todos devem

ter o direito de participar e contribuir para a produção, gestão do empreendimento e beneficiamento da farinha. Deste modo, pode-se garantir que as necessidades de todas as partes sejam atendidas, enriquecendo processos e melhorando a tomada de decisões coletiva dos envolvidos, fortalecendo a coesão social dentro da Casa de Farinha.



Figura 6. Raspa manual da mandioca, 2024. Fonte: autores.



Figura 7. Raspa manual da mandioca, 2024. Fonte: autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa propôs analisar e compreender o que os associados pensam sobre a reativação da Casa de Farinha, bem como, a falta e impactos que a inativação da mesma causaram à comunidade e aos produtores de mandioca, além de buscar informações sobre o entendimento dos usuários e associados da Associação Comunitária de Ação Social do Quinjí (ACOASQUI) sobre o papel da Associação no processo de reativação e de gestão da Casa de Farinha.

A partir dos dados levantados por meio das entrevistas, análise FOFA e técnica chamada de “defina em uma palavra” é possível considerar que:

- Os associados (as) estão interessados e dispostos a se mobilizarem para buscar a reativação da Casa de Farinha.
- Os agricultores e antigos usuários ainda guardam lembranças e memórias afetivas das chamadas “farinhadas” e dos momentos de mutirões e trabalho coletivo.
- A Casa de Farinha foi inativa pela falta de gestão adequada que garantisse a longevidade Casa de Farinha em pleno funcionamento.
- Os associados (as) tem interesse em contar com casa de farinha com mais equipamentos e mecanizada (moderna).
- A inativação da Casa de Farinha causou impactos econômicos aos produtores, onde os mesmos passaram a depender de Casas de Farinha particulares.
- A falta da Casa de Farinha causou desânimo e falta de incentivo para que os

agricultores continuassem com os plantios de mandioca.

- Percebe-se que os Associados ainda buscam que a gestão da Casa de Farinha seja feita pela Diretoria da Associação.

Atualmente, a Associação Comunitária de Ação Social do Quinji (ACOASQUI) enviou ofícios aos órgãos que podem vir a contribuir com o processo de reativação da Casa de Farinha como: CAR (Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional) e SDR (Secretaria de Desenvolvimento Rural da Bahia), os ofícios foram enviados com apoio da Prefeitura Municipal de Lamarão/BA e da Secretaria Municipal de Agricultura de Meio Ambiente de Lamarão/BA.

Vale ressaltar que para que a Casa de Farinha seja de fato reativada, requer a continuidade das atividades da Associação Comunitária, bem como, maior mobilização da comunidade em participar de eventos onde possam expressar suas necessidades, afim de conseguirem ser vistos e ter apoio político para isso.

É notório que a comunidade precisa ter acesso a capacitações sobre a autogestão, sua importância e seu real funcionamento na prática, sendo assim, será de grande valia a realização de oficinas formativas sobre autogestão e seus princípios e contribuições a gestão da Casa de Farinha Comunitária.

Deste modo, vale salientar que o presente trabalho tem possibilidades de pesquisas futuras, como: acompanhamento do processo de reativação, resultados após aplicação de oficinas e assim, contribuir para a continuidade deste processo.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber.** Revista Brasileira de Educação, n.19, P.20-28, abr, 2002. Disponível em: <[SciELO - Brasil - Notas sobre a experiência e o saber de experiência Notas sobre a experiência e o saber de experiência](https://www.scielo.br/j/rebed/2002/v19/n19/20-28.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2024.

CANÇADO, Airton Cardoso. **Autogestão em cooperativas populares: os desafios da prática.** 2004. Universidade Federal da Bahia, 2007. Docplayer, Disponível em: <<file:///C:/Users/carlo/Downloads/AutogestoemCooperativasPopulares-AirtonCardosoCandido.pdf>>. Acesso em: 21 de novembro de novembro de 2024.

CARVALHO. Rayelle. **IMPORTÂNCIA DA ASSOCIAÇÃO NA IMPLANTAÇÃO DA CASA DE FARINHA COMUNITÁRIA DA MOMBAÇA (SERRINHA-BAHIA): PERCEPÇÃO DOS ASSOCIADOS E ASSOCIADAS.** Serrinha: vol. 9, Nº 1, 2024. Docplayer, Disponível em: <<file:///C:/Users/carlo/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/Arquivos%20TCC%20Carlos/CASA%20DE%20FARINHA%20RAYELE.pdf>>. Acesso em: 20 de novembro de 2024.

CHIAVENATO, I.; SAPIRO, A. **Planejamento Estratégico: fundamentos e aplicações.** 1^a ed. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2003.

DA SILVA, C. DO S. S. **CASAS DE FARINHA: espaço de (con)vivências, saberes e práticas educativas.** Belém, 2011. Disponível em: <https://progesp.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/dissertacoes/04/cirlene_do_socorro_silva_da_silva.pdf>. Acesso em: 09 de novembro de 2024.

GUTIERREZ, G. L. Autogestão de empresas: **considerações a respeito de um modelo possível.** RAE, v. 28, n. 2, p. 7–19, 1988. São Paulo, SP, Brazil: Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de S.Paulo, v. 28, n. 2, p. 7-19, 1988. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/items/0790e179-8011-4917-a51c-0325461f07dc>>. Acesso em: 19 de novembro de 2024.

LINHARES, A. D. S.; DOS SANTOS, C. V. "A CASA DE FARINHA É A MINHA MORADA": TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS NA PRODUÇÃO DE FARINHA EM UMA COMUNIDADE RURAL NA REGIÃO DO BAIXO TOCANTINS-PA. **Agricultura Familiar Pesquisa Formação e Desenvolvimento**, n. 10, p. 53, 2014. Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/%E2%80%9CA-CASA-DE-FARINHA-%C3%89-A-MINHA-MORADA%E2%80%9D%3A-E-NA-PRODU%C3%87%C3%83O-Linhares-Santos/e9809e53dbdd0dec0c2a080f6d392f3e66cb2f81>>. Acesso em: 20 de novembro de 2024.

Mandioca - Análise Mensal - Agosto de 2023 - Portal Conab. Disponível em: <<https://www.conab.gov.br/info-agro/analises-do-mercado-agropecuario-e-extrativista/analises-do-mercado/historico-mensal-de-mandioca/item/21509-mandioca-analise-mensal-agosto-2023>>. Acesso em: 20 de novembro de 2024.

MINAYO, M. C. de S. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 18º Ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

QUEIROZ, Eliane Silva. Casas de farinha como espaços de memória, trabalho e significados: olhares sobre comunidades de Serrinha - Ba. Serrinha: vol. 5, Nº 2, p.100 de 448. 2020. Docplayer, Disponível em: <file:///C:/Users/carlo/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/Arquivos%20TCC%20Carlos/Casas%20de%20farinha%20como%20espac%C3%A7os%20de%20memo%C3%A7aria.pdf>. Acesso em: 10 de novembro de 2024.

RIGO, Ariadne Scalfoni. Autogestão. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). Dicionário para a formação em gestão social. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p. 21-23

Território Sisal - Portal Embrapa. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/territorios/territorio-sisal>>. Acesso em: 20 novembro de 2024.

VERDEJO, M. E. DIAGNÓSTICO RURAL PARTICIPATIVO GUIA PRÁTICO DRP. 2006, Brasília. Disponível em: <https://www.projetovidanocampo.com.br/downloads/diagnostico_rural_participativo.pdf>. Acesso em: 19 de novembro de 2024.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2005. 212 p. ISBN: 8536304626.

ANEXO 1

Questionário Semi-Estruturado aplicado aos associados e associadas da Associação Comunitária de Ação Social do Quinjí (ACOASQUI) – Reativação da Casa de Farinha Comunitária da Comunidade Quinjí, Zona Rural, Lamarão/BA

1 - QUANDO FOI FUNDADA A CASA DE FARINHA?

2 - COMO SURGIU A CASA DE FARINHA?

3 - COMO A CASA DE FARINHA CONTRIBUIU PARA A COMUNIDADE?

4 - COMO A ASSOCIAÇÃO INTERAGIA COM A CASA DE FARINHA?

**5 - COMO ERA A ORGANIZAÇÃO DOS PRODUTORES PARA USAR A CASA DE
FARINHA?**

6 - COMO ERA FEITAA GESTÃO DA CASA DE FARINHA?

7 - QUANTO TEMPO A CASA DE FARINHA PASSOU ATIVA E FUNCIONANDO?

8 - QUAIS MOTIVOS FIZERAM A CASA DE FARINHA PARAR DE FUNCIONAR?

**9 - COMO A DESATIVAÇÃO DA CASA DE FARINHA IMPACTOU NA PRODUÇÃO
DOS PRODUTORES DA COMUNIDADE?**

**10 - A REATIVAÇÃO DA CASA DE FARINNHA TRARIA BENEFÍCIOS PARA A
COMUNIDADE?**

**11 - O QUE ESPERAM DO PROCESSO DE REATIVAÇÃO DA CASA DE
FARINHA?**

**12 - COMO ESPERAM QUE SEJA FEITA A GESTÃO E ORGANIZAÇÃO DA CASA
DE FARINHA UMA VEZ QUE REATIVADA?**

**13 - COMO ERA O ENVOLVIMENTO DOS JOVENS NA CASA DE FARINHA
QUANDO ESTAVA ATIVA?**

**14 - COMO ERA O ENVOLVIMENTO DOS HOMENS E MULHERES DA
COMUNIDADE COM A CASA DE FARINHA?**

15 - QUAL EXPECTATIVA COM A REATIVAÇÃO DA CASA DE FARINHA?